

Colégio  
00001Sala  
0001Ordem  
0001

Janeiro/2016

**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO****Concurso Público para provimento de vagas de  
Professor B  
Língua Portuguesa**

Nome do Candidato

Caderno de Prova 'DI', Tipo 001

Nº de Inscrição

MODELO

Nº do Caderno

TIPO-001

Nº do Documento

0000000000000000

ASSINATURA DO CANDIDATO

**PROVA****Conhecimentos Básicos  
Conhecimentos Específicos  
Discursiva****INSTRUÇÕES**

Quando autorizado pelo fiscal de sala, transcreva a frase ao lado, com sua caligrafia usual, no espaço apropriado na Folha de Respostas.

Encontra-se a oportunidade em meio a crises e dificuldades.

- Verifique se este caderno:
  - corresponde a sua opção de cargo.
  - contém 70 questões, numeradas de 1 a 70.
  - contém as propostas e o espaço para o rascunho da Prova Discursiva.Caso contrário, reclame ao fiscal da sala um outro caderno.  
Não serão aceitas reclamações posteriores.
- Para cada questão existe apenas UMA resposta certa.
- Leia cuidadosamente cada uma das questões e escolha a resposta certa.
- Essa resposta deve ser marcada na FOLHA DE RESPOSTAS que você recebeu.

**VOCÊ DEVE**

- Procurar, na FOLHA DE RESPOSTAS, o número da questão que você está respondendo.
- Verificar no caderno de prova qual a letra (A,B,C,D,E) da resposta que você escolheu.
- Marcar essa letra na FOLHA DE RESPOSTAS, conforme o exemplo: (A) ● (C) (D) (E)
- Ler o que se pede na Prova Discursiva e utilizar, se necessário, o espaço para rascunho.

**ATENÇÃO**

- Marque as respostas com caneta esferográfica de material transparente de tinta preta ou azul. Não será permitido o uso de lápis, lapiseira, marca-texto, borracha ou líquido corretor de texto durante a realização da prova.
- Marque apenas uma letra para cada questão, mais de uma letra assinalada implicará anulação dessa questão.
- Responda a todas as questões.
- Não será permitida nenhuma espécie de consulta ou comunicação entre os candidatos, nem a utilização de livros, códigos, manuais, impressos ou quaisquer anotações.
- Em hipótese alguma o rascunho da Prova Discursiva será corrigido.
- Você deverá transcrever sua Prova Discursiva, a tinta, no caderno apropriado.
- A duração da prova é de 5 horas para responder a todas as questões objetivas, preencher a Folha de Respostas e fazer a Prova Discursiva (rascunho e transcrição) no caderno correspondente.
- Ao término da prova, chame o fiscal da sala e devolva todo o material recebido.
- Proibida a divulgação ou impressão parcial ou total da presente prova. Direitos Reservados.

**CONHECIMENTOS BÁSICOS****Língua Portuguesa**

**Atenção:** As questões de números 1 a 7 referem-se ao texto abaixo.

**Medo da eternidade**

*Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.*

*Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicletes e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.*

*Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:*

*– Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.*

*– Como não acaba? – Parei um instante na rua, perplexa.*

*– Não acaba nunca, e pronto.*

*Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.*

*Com delicadeza, terminei afinal pondo o chiclete na boca.*

*– E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.*

*– Agora chupe o chiclete para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários.*

*Perder a eternidade? Nunca.*

*O adocicado do chiclete era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhá-vamos para a escola.*

*– Acabou-se o docinho. E agora?*

*– Agora mastigue para sempre.*

*Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.*

*Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava era aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.*

*Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chiclete mastigado cair no chão de areia.*

*– Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!*

*– Já lhe disse, repetiu minha irmã, que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chiclete na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.*

*Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chiclete caíra da boca por acaso.*

*Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.*

06 de junho de 1970

(LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo** – crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.289-91)

1. As expressões *reino de histórias de príncipes e fadas*, *elixir do longo prazer* e *milagre* (7<sup>o</sup> parágrafo) são mobilizadas pela autora para
- (A) deixar entrever como a criança, a partir da descrição do chiclete pela irmã com palavras que sugerem a sua impecabilidade, acabou por associá-lo ao mundo do maravilhoso e da fantasia.
  - (B) ilustrar o modo como, para uma criança pobre, uma coisa simples e barata como um chiclete pode ser tão difícil de obter que a sua compra é associada à esfera do imaginário ou do miraculoso.
  - (C) sugerir o caráter fictício do episódio, que no entanto é narrado como se realmente tivesse acontecido, o que leva ao embaralhamento entre o que seria próprio da ficção e o que pertenceria à realidade.
  - (D) argumentar que, na infância, a imaginação sempre predomina sobre a realidade, o que faz com que a criança vivencie situações concretas como se estivesse no mundo da fantasia.
  - (E) enfatizar a desconfiança da criança em relação à veracidade do que é dito pela irmã sobre o chiclete, pois antes de experimentá-lo não lhe parecia crível a existência de uma bala que não se acabava nunca.



2. Ainda que se saiba da liberdade com que Clarice Lispector lidava com esse gênero, pode-se assegurar que **Medo da eternidade** é uma **crônica** na medida em que se trata
- (A) de uma dissertação filosófica sobre uma questão fundamental da vida humana, ainda que a escritora acabe se valendo de sua experiência pessoal para ilustrar a tese que se dispõe a defender.
  - (B) de uma visão subjetiva, pessoal, de um acontecimento do cotidiano imediato, muito embora vivenciado na infância, que acaba dando margem à reflexão sobre uma questão capaz de interessar a todos.
  - (C) de um texto poético, mesmo que em prosa, em que os acontecimentos vividos no passado ganham uma tonalidade lírica e, em lugar de serem explicitamente narrados, são dados a conhecer de modo alusivo e sugestivo.
  - (D) da rememoração de um episódio ocorrido na infância e que é narrado tal como foi vivido, sem deixar transparecer as crenças e convicções do adulto que rememora.
  - (E) de um texto alegórico, em que a história narrada oculta um sentido que vai muito além dela, servindo apenas como veículo da expressão de ideias abstratas que os acontecimentos permitem concretizar.

3. *Parei um instante na rua, perplexa.* (5º parágrafo)

*Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer.* (7º parágrafo)

*– E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.* (9º parágrafo)

As palavras grifadas nessas frases assumem no texto, respectivamente, o sentido de:

- (A) atônita – figurava – cerimônia
- (B) inerme – transcendia – liturgia
- (C) atônita – simbolizava – périplo
- (D) desorientada – figurava – imolação
- (E) assustada – transcendia – périplo

4. *E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários.* (10º parágrafo)

No trecho acima, retirado de uma das falas da irmã da autora, o segmento grifado poderia ser substituído corretamente por:

- (A) A exceção que
- (B) Antes que
- (C) A não ser que
- (D) Assim que
- (E) Ainda que

5. Atente para as afirmações abaixo.

- I. Em *Jamais esquecerei o meu afetivo e dramático contato com a eternidade* (1º parágrafo), os adjetivos empregados para qualificar esse *contato* visam estabelecer um contraste com os acontecimentos que serão efetivamente narrados, deixando entrever a sugestão da autora de que esses fatos, aparentemente importantes, seriam na verdade banais e corriqueiros.
- II. Em *Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita* (15º parágrafo), a repetição do verbo “mastigar”, cujo início ecoa ainda na conjunção *Mas* que inicia a frase seguinte, busca sugerir no campo da própria expressão o que havia de repetitivo nessa atividade e o aborrecimento que já advinha do mascar da goma insossa.
- III. Em *– Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!* (18º parágrafo), o reiterado emprego do sinal de exclamação sugere o exagero próprio do fingimento.

Está correto o que se afirma APENAS em

- (A) I e II.
- (B) I e III.
- (C) I.
- (D) III.
- (E) II e III.

6. Identifica-se relação de causa e consequência entre estes dois segmentos do texto:

- (A) *Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã / envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra da boca por acaso* (20º parágrafo)
- (B) *Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicletes / Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar* (2º parágrafo)
- (C) *Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele / E aí mastiga a vida inteira* (10º parágrafo)
- (D) *Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer / quase não podia acreditar no milagre* (7º parágrafo)
- (E) *O adocicado do chicle era bonzinho / não podia dizer que era ótimo* (12º parágrafo)



7. Um dos elementos mais importantes na organização do texto de Clarice Lispector é o advérbio de tempo, como o que se encontra grifado em:
- I. ***Jamais** esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.* (1<sup>o</sup> parágrafo)
  - II. *E **eis-me** com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.* (7<sup>o</sup> parágrafo)
  - III. – *E **agora** que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.* (9<sup>o</sup> parágrafo)
  - IV. *Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, **sem** parar.* (16<sup>o</sup> parágrafo)

Atende ao enunciado APENAS o que consta de

- (A) I, II e IV.
- (B) II e IV.
- (C) II e III.
- (D) I e III.
- (E) I, III e IV.

**Atenção:** As questões de números 8 a 10 referem-se ao texto abaixo.

*Platão argumenta que o tempo (chrónos) “é a imagem móvel da eternidade (aión) movida segundo o número” (Timeu, 37d). Partindo do dualismo entre mundo inteligível e mundo sensível, Platão concebe o tempo como uma aparência mutável e perecível de uma essência imutável e imperecível – eternidade. Enquanto que o tempo (chrónos) é a esfera tangível móbil, a eternidade (aión) é a esfera intangível imóvel. Sendo uma ordem mensurável em movimento, o tempo está em permanente alteridade. O seu domínio é caracterizado pelo devir contínuo dos fenômenos em ininterrupta mudança.*

*Posto que o tempo (chrónos) é uma imagem, ele não passa de uma imitação (mimesis) da eternidade (aión). Ou seja, o tempo é uma cópia imperfeita de um modelo perfeito – eternidade. Isso significa que o tempo é uma mera sombra da eternidade. Considerando que somente a região imaterial das formas puras existe em si e por si, podemos dizer que o tempo platônico é uma ilusão. Ele é real apenas na medida em que participa do ser da eternidade.*

(DIVINO, Rafael. Sobre **O tempo em Platão e Aristóteles**, de R. Brague. Disponível em: <https://serurbano.wordpress.com/2010/02/26/tempo-em-platao/>. Acessado em: 28.12.2015)

8. Para responder a esta questão, considere também o texto anterior, **Medo da eternidade**.

O confronto entre os dois textos permite concluir corretamente:

- (A) Ao partir da história pessoal de quem escreve, o primeiro texto chega a conclusões sobre a eternidade que não podem ser generalizadas; o segundo texto, ao contrário, partindo das ideias genéricas de um filósofo antigo sobre esse mesmo tema, chega a ilações que, de tão evidentes, não podem ter sua verdade questionada.
- (B) Embora o tema da eternidade seja abordado de maneira muito diversa nos dois casos, tanto o primeiro como o segundo texto levam o leitor a concluir que a eternidade está além da capacidade de compreensão humana, pois tudo o que conhecemos ou somos capazes de imaginar está fadado às mudanças operadas pelo tempo.
- (C) A eternidade é um tema tão complexo que pode ser discutido profundamente por um filósofo como Platão apenas na medida em que ele abstrai de toda a vida humana, não podendo ser concebido pela mente infantil, e é daí que advém o medo a que alude Clarice Lispector.
- (D) Enquanto o primeiro texto sugere que a eternidade pode existir mesmo nas coisas mais miúdas e insignificantes, o segundo texto, baseado nas ideias de Platão, defende que a eternidade pode ser encontrada nas coisas grandiosas e monumentais da vida humana.
- (E) Se o tema da eternidade é tratado no primeiro texto a partir da lembrança de um episódio da infância, em que se pôde experimentar o medo da ideia de eternidade, esse mesmo tema é abordado no segundo texto do ponto de vista do pensamento de um filósofo antigo, para quem o tempo é apenas uma imagem imperfeita da eternidade.



9. De acordo com o texto,
- (A) o tempo, na visão platônica, não existe senão no mundo das ideias, pois a realidade é na verdade marcada pela ausência de mudanças, por mais que as aparências insistam em indicar o contrário.
  - (B) tempo e eternidade, segundo Platão, são ambos ilusórios, já que o tempo apenas imita a eternidade, ao passo que esta não pode ter sua existência comprovada pelos sentidos.
  - (C) as transformações vistas por nós ao longo do tempo, de acordo com Platão, participam do mundo sensível e, desse modo, são apenas reflexo da eternidade que caracteriza o mundo inteligível.
  - (D) o dualismo platônico leva o filósofo grego ao estabelecimento de uma separação estanque entre o tempo, que conhecemos por meio dos sentidos, e o devir, que só é alcançado pelas ideias.
  - (E) os fenômenos do mundo sensível e os modelos do mundo inteligível, segundo Platão, sofrem a ação do tempo, mas a constatação dessas pequenas mudanças não pode se dar em prejuízo do reconhecimento da preeminência da eternidade.

10. Considerado o contexto, o segmento adequadamente expresso em outras palavras está em:

- (A) *em permanente alteridade* (1<sup>o</sup> parágrafo) = em ininterrupta alternância
- (B) *mera sombra da eternidade* (2<sup>o</sup> parágrafo) = tênue reflexo do efêmero
- (C) *região imaterial das formas puras* (2<sup>o</sup> parágrafo) = lugar inacessível das figuras etéreas
- (D) *uma ordem mensurável* (1<sup>o</sup> parágrafo) = uma estrutura passível de ser medida
- (E) *a esfera tangível móbil* (1<sup>o</sup> parágrafo) = o círculo soante removível

### Conhecimentos Pedagógicos

11. *Todos têm o direito de aprender. Por isso, sua proposta consiste fundamentalmente no planejamento racional da atividade pedagógica, com operacionalização dos objetivos, privilegiando as funções de planejar, organizar, dirigir e controlar. O plano pedagógico deve se submeter ao administrativo.*

As características apresentadas estão relacionadas à tendência da educação

- (A) tecnicista.
- (B) construtivista.
- (C) crítica.
- (D) antiautoritária.
- (E) crítico-reprodutivista.

12. *Para os liberais, a função social da escola é prover o ensino de qualidade para todos os estudantes independentemente do nível socioeconômico.*

Para os socialistas, a escola também deve ensinar com qualidade todos os alunos, no entanto para se atingir este objetivo

- (A) o ensino deve ser organizado por conteúdos distintos para cada classe social, visando atender ao mercado de trabalho.
- (B) as diferenças de níveis socioeconômicos entre os alunos não os impedem de aprender igualmente.
- (C) é preciso que o professor elabore propostas pedagógicas diferenciadas, de acordo com a capacidade cognitiva de seus alunos.
- (D) o professor deve planejar um trabalho pedagógico que recupere as deficiências culturais dos alunos pobres.
- (E) é necessária a eliminação dos desníveis socioeconômicos e a distribuição do capital cultural e social.

13. *A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado (...) Em lugar de comunicar-se, o educador faz "comunicados e depósitos, que os educandos recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção "bancária" de educação...*

Para Paulo Freire, a concepção problematizadora da educação, ao contrário desta visão, considera que

- (A) é a competência técnica do educador e a dedicação e disciplina por parte do educando que garantem a qualidade do ensino.
- (B) a aprendizagem do educando é efetiva quando se dá por meio de um processo amoroso entre o educador e os educandos.
- (C) a ação educativa exige técnicas mnemônicas para que o educando possa demonstrar sua compreensão do conhecimento ensinado.
- (D) ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo.
- (E) nenhuma pessoa educa a si mesmo, é no ato de transferência do conhecimento que se cria a possibilidade de aprendizagem do educando.



14. *É frequente ouvirmos depoimentos de professoras ou membros da equipe escolar acerca de que as famílias são "desestruturadas", desinteressadas, carentes e, muitas vezes, de comunidades de baixa renda, violentas (...)*

Segundo teorias críticas da educação, este raciocínio

- I. constitui, na maioria das vezes, uma "explicação" fácil para o insucesso escolar de algumas crianças.
- II. serve para atribuição de culpa a uma situação externa à escola e para um conseqüente afastamento do problema.
- III. confirma a incapacidade intelectual de algumas famílias no acompanhamento de seus filhos nas tarefas escolares.
- IV. utiliza a denominação "família desestruturada" para se referir a uma estrutura diferente do modelo de família nuclear tradicional.
- V. justifica o simples fato de a família se organizar como responsável pelo comportamento acadêmico de suas crianças.

Está correto o que se afirma APENAS em

- (A) II, III, IV e V.
- (B) I, III, IV e V.
- (C) I, II, IV e V.
- (D) II, IV e V.
- (E) I, II e III.

15. *No muro de uma escola que dava para a rua, havia um pedaço que estava com marcas de terra. Ao indagarmos sobre o porquê daquilo, os alunos informaram de que aquele era o lugar por onde eles pulavam, nos finais de semana, para jogar futebol na quadra. Este era um fato conhecido por todos, mas a proibição de entrar na escola era mantida e sistematicamente transgredida (...) era proibido, mas nada acontecia se houvesse transgressão. Isso significava que os alunos, ao pularem o muro, poderiam correr um remoto risco de punição, caso se fizesse valer a proibição, ou nada aconteceria pela vigência da política de fechar os olhos.*

Diante disso, é correto afirmar que o que se aprende na escola

- (A) ajuda a sobreviver na lógica social, ou seja, às vezes têm-se que fazer de conta que não se percebe a realidade dos fatos.
- (B) não foram suficientes para corrigir as práticas indisciplinadas dos alunos transgressores.
- (C) é indispensável para que se mantenha a meta de qualidade prevista no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB).
- (D) favorece a construção do pensamento crítico dos estudantes, promovendo um diálogo aberto e verdadeiro entre educadores e educandos.
- (E) não se reduz a conteúdos programáticos, e que atitudes, valores, sentimentos também são "ensinados" na vivência das relações interpessoais dentro da instituição.

16. *A democratização, no âmbito da escola, não será alcançada sem que cada escola organize o seu próprio projeto educativo (...) nada impede que cada escola se organize em termos do modo como compreende a tarefa educativa em face das dificuldades específicas que enfrenta...*

Nessa compreensão,

- (A) o acesso e a qualidade da educação resultam da participação e da possibilidade de democracia nos mecanismos de gestão educacional.
- (B) a escola pública é uma oportunidade que o Estado oferece à população garantindo ao indivíduo ingressar na vida produtiva do país.
- (C) o projeto político pedagógico voltado a uma educação de qualidade deve ser elaborado pela equipe gestora da escola, pois é formada por especialistas do ensino.
- (D) o projeto educativo da escola precisa estar organizado para atender os alunos que têm capacidade de adquirir conhecimento.
- (E) a qualidade da educação depende da capacidade dos professores elaborarem um projeto pedagógico detalhado no qual se privilegiem o mérito e a dedicação dos alunos.

17. *Frequentemente, as discussões sobre o fracasso escolar referem-se ao erro do aprendiz, às suas causas e à sua natureza. Inverter a perspectiva, e pensar no erro como sinônimo de inadequação da instituição escolar é também uma necessidade, é talvez a questão crucial.*

Diante disso, é possível supor que a escola erre de três maneiras diferentes por:

- I. desconhecimento das características as várias fases do desenvolvimento humano.
- II. adotar as diretrizes curriculares que constam do projeto pedagógico da escola.
- III. considerar ideias do segmento cultural que contextua os aprendizes concretos.
- IV. levar em conta as histórias de vida próprias de cada um.
- V. exigências de conteúdo das provas nacionais aplicadas em larga escala.

Está correto o que se afirma APENAS em

- (A) III, IV e V.
- (B) I, II e IV.
- (C) I, III e IV.
- (D) II, III e V.
- (E) I, IV e V.



18. *Para os teóricos sociointeracionistas, a interação social fornece a matéria-prima para o desenvolvimento psicológico do indivíduo.*

Dessa maneira,

- (A) para que a aprendizagem ocorra é preciso que se considere a natureza dos estímulos presentes na situação, tipo de resposta que se espera obter e o estado físico e psicológico do organismo.
- (B) é através da relação interpessoal concreta com os outros homens que o indivíduo vai chegar a interiorizar as formas culturalmente estabelecidas de funcionamento psicológico.
- (C) as qualidades básicas de cada ser humano encontram-se basicamente prontas por ocasião de seu nascimento.
- (D) os instrumentos para medir a inteligência emocional possibilitam fornecer a capacidade mental e a capacidade de interação social de uma pessoa.
- (E) o desenvolvimento cognitivo e psicológico de um indivíduo ocorre através de constantes desequilíbrios e equilibrações sucessivas ou de adaptação.

19. *Muitos educadores, reconhecendo que a velocidade de aprendizado pode variar de criança para criança, isolam os "aprendizes lentos" de seus professores e companheiros através do uso de instrução programada e muitas vezes mecanizadas.*

Vygotsky, valendo-se do conceito da zona de desenvolvimento proximal, vê o aprendizado como

- (A) dois processos distintos: um está relacionado ao interesse e esforço do aluno e o outro diz respeito àquele que é participativo e pesquisa a informação que lhe é transmitida.
- (B) um processo profundamente social, enfatizando o diálogo e as diversas funções da linguagem na instrução e no desenvolvimento cognitivo mediado.
- (C) processos diferenciados, pois existem alunos que apresentam capacidade cognitiva de apreensão do conhecimento e outros com déficit intelectual, por isso desatentos.
- (D) um processo de se obter conhecimento, desde que se aplique técnicas de motivação adequadas à fase de desenvolvimento dos alunos.
- (E) um processo de aprendizado que depende fundamentalmente do componente afetivo para que o aluno interaja com o conhecimento ensinado.

20. *Enquanto tomo café vou me lembrando de um homem modesto que conheci antigamente. Quando vinha deixar o pão à porta do apartamento ele apertava a campainha, mas, para não incomodar os moradores, avisava gritando: – Não é ninguém, é o padeiro! Interroguei-o uma vez: como tivera a ideia de gritar aquilo? "Então você não é ninguém?" Ele abriu um sorriso largo. Explicou que aprendera aquilo de ouvido. Muitas vezes lhe acontecera bater a campainha de uma casa e ser atendido por uma empregada ou outra pessoa qualquer, e ouvir uma voz que vinha lá de dentro perguntando quem era; e ouvir a pessoa que o atendera dizer para dentro: "não é ninguém, não senhora, é o padeiro". Assim ficara sabendo que não era ninguém...*

As ideias contidas no conto de Rubem Braga nos alerta, numa concepção crítica de educação, que

- (A) identidade e diferença, muitas vezes, definem os que "ficam dentro" e os que "ficam fora": os aceitos na escola e os discriminados por ela.
- (B) a escola é uma instituição neutra, onde brancos e negros, pobres e ricos têm oportunidades iguais desde que todos tenham compromisso em aprender.
- (C) reconhecer a pluralidade existente na sala de aula é papel de todo professor que aceita a diferença.
- (D) gestores e professores devem ser capazes de lidar com a diferença, promovendo um clima de harmonia na escola e recuperação paralela quando necessário.
- (E) direitos devem ser conquistados e não oferecidos por um Estado paternalista; direitos e deveres devem ser cumpridos.

21. *Quem não se lembra dos "questionários", muitos usados no ensino de história e geografia, enfatizando a memorização repetitiva e automática? Professores conclamavam os alunos: "Não deixem de estudar o questionário que passei". E quando o professor não se adiantava em passar o questionário, os alunos o solicitavam, pois consideravam como uma espécie de garantia de sucesso.*

Este processo de memorização

- (A) é uma forma eficiente do aluno aprender a aprender.
- (B) favorece o aluno adquirir disciplina em seu processo de estudo.
- (C) possibilita ampliar a compreensão dos conhecimentos transmitidos pelo professor.
- (D) desconsidera a escola como espaço de produção de conhecimento.
- (E) desenvolve a capacidade do aluno pensar sobre o conhecimento a ser apreendido.



22. Segundo o documento *Currículo Básico da Rede Estadual do Espírito Santo*, colocar em prática o currículo na escola significa
- (A) discutir a formação humana por meio do trabalho pedagógico; e, sobretudo, evidenciar a qualidade dessa ação.
  - (B) preparar o educador na organização de uma grade curricular que englobe conhecimentos de língua portuguesa, matemática, história e geografia.
  - (C) articular os conteúdos de estudo com a metodologia de ensino para se obter uma prática educativa qualificada.
  - (D) ensinar o professor, num processo de formação continuada, a escolher criteriosamente os conteúdos relevantes a serem ensinados.
  - (E) alterar a organização de conteúdos de forma a agrupá-los em eixos temáticos, possibilitando assim o aprofundamento de assuntos significativos.

23. Numa visão linear do processo pedagógico, o planejamento didático é uma sucessão de etapas que começa com a definição dos objetivos do ensino, passa pela definição dos conteúdos e dos métodos, pela execução do planejado e finalmente pela avaliação do estudante.

Em forma alternativa de ver o processo pedagógico em sala de aula,

- I. a avaliação não figura ao final, mas está justaposta aos próprios objetivos.
- II. é preciso que a avaliação classifique os estudantes de acordo com os níveis de aproveitamento previamente estabelecidos.
- III. são os objetivos que dão base para a construção da avaliação.
- IV. os conteúdos e o nível de domínio destes, projetados pelos objetivos, permitem extrair as situações que possibilitarão ao aluno demonstrar seu desenvolvimento em uma situação de avaliação.
- V. os objetivos e a avaliação orientam todo o processo de aprendizagem.

Está correto o que se afirma APENAS em

- (A) I, II e III.
- (B) I, II, III e IV.
- (C) II, III e V.
- (D) II, IV e V.
- (E) I, III, IV e V.

24. A *ampliação dos níveis de avaliação para além da sala de aula e da aprendizagem dos estudantes, em especial a avaliação institucional, trouxe novas possibilidades ao desenvolvimento de escolas reflexivas.*

Estas ideias apontam para a avaliação institucional da escola como um processo que

- (A) resgata o papel central das provas nacionais no desenvolvimento de uma educação crítica e de qualidade.
- (B) envolve todos os sujeitos, com vistas a negociar patamares adequados de aprimoramento a partir dos problemas concretos da escola.
- (C) conduz o ensino para uma aprendizagem voltada à autonomia intelectual dos educandos com melhor desempenho escolar.
- (D) impulsiona os pais a serem comprometidos com a aprendizagem de seus filhos, na medida em que a avaliação fornece dados de seu ensino.
- (E) propicia a mudança da cultura de um ensino mecânico e transmissor de conhecimento para uma prática educativa construtivista.

25. Um plano de aula deve prever necessariamente

- (A) abordagens diferentes em relação a assuntos polêmicos.
- (B) realização de atividades lúdicas e propiciadoras de vínculos afetivos.
- (C) aprendizagem de conteúdos que possam ter aplicação prática.
- (D) continuidade das experiências de aprendizagem.
- (E) uniformização de metodologias entre professores do mesmo ano de ensino.

26. A Educação Especial, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996),

- (A) é determinada como ensino obrigatório a toda pessoa com deficiência dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, dever do Estado e obrigação de acompanhamento médico realizado pela família.
- (B) estabelece a garantia de acesso e benefícios iguais a todos alunos com deficiência ou transtornos globais do desenvolvimento, matriculados nas redes públicas e privadas do ensino de responsabilidade municipal.
- (C) é definida como modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.
- (D) organiza seu ensino em classes do ensino regular e supletivo, escolas de atendimento especializados por deficiência, após avaliação médica e testes psicológicos de inteligência emocional.
- (E) assegura a todos alunos portadores de necessidades especiais acompanhamento médico e/ou psicológico em Unidade Básica de Saúde mais próxima da escola em que o aluno estiver matriculado.



27. *Ainda hoje podemos constatar a existência da ideia de que o trabalho precoce é a melhor, e talvez a única alternativa à marginalidade, para as crianças pobres. A ideia do trabalho como um instrumento disciplinador da criança pobre defende a tese de que o trabalho é a forma capaz de afastar a criança e o adolescente do caminho do crime.*

Tais ideias contrariam o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990) que

- I. estabelece aos menores de dezoito anos formação profissional voltada ao mercado de trabalho.
- II. garante à criança e ao adolescente a oportunidade de trabalho como forma preventiva a atos infracionais.
- III. determina a proibição de qualquer trabalho a todas as crianças e aos adolescentes menores de dezesseis anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de quatorze anos de idade.

Está correto o que se afirma em

- (A) I, II e III.
- (B) I e II, apenas.
- (C) II, apenas.
- (D) II e III, apenas.
- (E) III, apenas.

28. Em relação ao Ensino Médio, a LDB (Lei nº 9.394/1996) determina que

- (A) o ensino de várias disciplinas por um único professor só poderá ser aprovado pelo Conselho Estadual de Educação se constar do Projeto Político Pedagógico da Escola.
- (B) é da competência de cada município a definição do currículo mínimo desta modalidade de ensino, respeitando-se a realidade da cidade.
- (C) o controle da frequência dos alunos fica a cargo de cada escola, desde que se cumpra a frequência mínima estipulada pelo Conselho de Escola.
- (D) no currículo serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todos os anos do ensino médio.
- (E) é da competência exclusiva de cada município a definição da carga horária anual e do número de dias letivos da rede municipal de ensino.

29. *O aluno do ensino noturno, por estar de alguma forma inserido no mundo do trabalho, ter seu tempo quase todo dedicado à luta pela sobrevivência, por ser responsável por si e, muitas vezes, por uma família, traz para a sala de aula uma concepção de vida, valores incorporados e necessidades concretas ligadas ao seu cotidiano e às suas expectativas de vida (...). Ao chegar, à noite, à escola se defronta, muitas vezes, com uma rotina que não valoriza, e, portanto, não aproveita os elementos que aprendem no decorrer do seu cotidiano de trabalho.*

Considerando este contexto, constata-se a

- (A) preocupação do aluno do ensino noturno em relação à obtenção de um certificado para apresentar em seu emprego.
- (B) distância entre a perspectiva e a necessidade de estudo para o aluno do ensino noturno e o ensino que a escola proporciona.
- (C) necessidade de conhecimentos mais práticos e menos teóricos na organização curricular do ensino voltado ao aluno trabalhador.
- (D) organização do ensino noturno por faixas de idade e a redução de carga horária para a permanência do aluno na escola.
- (E) importância da aquisição de conhecimentos específicos voltados a seu mundo do trabalho.

30. O currículo do Ensino Médio deve, dentre outros aspectos, organizar os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação de tal forma que ao final do Ensino Médio o estudante demonstre:

- I. domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna.
- II. conhecimento das formas contemporâneas de linguagem.
- III. apreço pelas atividades integradoras artístico-culturais, vinculadas ao meio ambiente e à prática social.
- IV. valorização da leitura e da produção escrita em todos os campos do saber.

Está correto o que se afirma APENAS em

- (A) III e IV.
- (B) II e III.
- (C) I e II.
- (D) I e IV.
- (E) I e III.

**CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS****Cárcere das Almas**

*Ah! Toda a alma num cárcere anda presa,  
Soluçando nas trevas, entre as grades  
Do calabouço olhando imensidades,  
Mares, estrelas, tardes, natureza.*

*Tudo se veste de igual grandeza  
Quando a alma entre grilhões as liberdades  
Sonha e, sonhando, as imortalidades  
Rasga no etéreo Espaço da Pureza.*

*Ó almas presas, mudas e fechadas  
Nas prisões colossais e abandonadas,  
Da Dor no calabouço, atroz, funéreo!*

*Nesses silêncios solitários, graves,  
Que chaveiro do Céu possui as chaves  
Para abrir-nos as portas do Mistério?!*

(CRUZ E SOUZA. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961)

Considere as afirmativas abaixo.

- I. No primeiro quarteto, há uma afirmação de ordem geral: “toda a alma” (o que pode ser entendido como qualquer alma, todas as almas de todos).
- II. Há no poema várias metáforas como, por exemplo, “alma presa num cárcere”.
- III. O uso das iniciais maiúsculas em substantivos comuns (*Dor*, *Céu*, *Mistério*) acentua o aspecto simbólico dos vocábulos.
- IV. Há no poema a presença de elementos antitéticos como, por exemplo, “grilhões / liberdades”.
- V. O segundo terceto denota a presença do indivíduo na exclamação enfática, num vocativo de preocupação e angústia.

Do ponto de vista da análise sintático-semântica do poema, está correto o que se afirma APENAS em

- (A) I, III e IV.
- (B) II, IV e V.
- (C) I, II, III e IV.
- (D) I e V.
- (E) II, III, IV e V.

**32. Marca: Movimento Artístico Capixaba (1968)**

*Enquanto no Brasil autoritário a censura funcionava cada vez mais como uma rua de mão única, a literatura brasileira caminhava sob a mira do aparato de repressão do estado autoritário que se seguiu ao golpe militar. Revaloriza-se o realismo mágico, as alegorias, as parábolas, o romance-reportagem, o conto-notícia, e depoimentos.*

*Em nível de literatura brasileira escrita no Espírito Santo, a literatura de Fernando Tatagiba vem dialogar vis-à-vis com essa corrente literária brasileira. Tanto que, se olharmos para os veios narrativos de maior sucesso na literatura capixaba da época, é em Luís Fernando Tatagiba que encontraremos uma forte resistência à utopia do “Brasil Grande”, a cujo ideal se incorporara boa parte dos intelectuais capixabas.*

*Via linguagem do espetáculo, e com o apoio incondicional da mídia local, principalmente a imprensa chapada, e do público, o final dos anos sessenta trouxe para o Espírito Santo o idealismo do **Movimento Artístico Capixaba (MARCA)**, que se fundou como um **Clube de Poesia** e promoveu a apresentação de jograis e récitas em faculdades e no Teatro Carlos Gomes, em Vitória.*

*De 1968 a outubro de 1969, foram promovidas quatro récitas. À frente do movimento estava a figura idealista e bem intencionada de Olival Mattos Pessanha (1946-1993). Junto a ele, Luís Fernando Valporto Tatagiba (1946-1988), que se destaca como um contista maior, tanto no contexto da literatura capixaba como no da literatura nacional.*

(Adaptado de: AZEVEDO FILHO, Deneval Siqueira de. **A literatura brasileira contemporânea do Espírito Santo**. Campinas, SP: [s.n.], 1999. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, p.72-73)

No que se refere às informações presentes no texto, ao posicionamento apresentado pelo autor e aos seus conhecimentos sobre a literatura pós-moderna capixaba, infere-se que

- (A) a literatura produzida no Movimento Artístico Capixaba (MARCA) foi fiel ao intimismo e à concepção tradicional de forma poética típica da segunda fase do movimento modernista brasileiro.
- (B) as pressões históricas deram à literatura capixaba da época (1968-9) a direção da objetividade, entendida como um testemunho crítico da realidade social, moral e política; como literatura participante.
- (C) o eixo do debate artístico capixaba, no início de 1960, deslocou-se das questões estéticas para as questões morais, impulsionadas pelos projetos reformistas do governo Goulart.
- (D) a obra de Tatagiba abriga um conteúdo político-ideológico com preocupação claramente antissocial pouco representativa no contexto da literatura capixaba e nacional da época.
- (E) o poeta Olival Mattos Pessanha cria uma poesia recitada, falada, usando a alegoria como principal ingrediente, deslocando-se do plano do Movimento Artístico Capixaba (MARCA).



33. *Lembro-me de que em 1891 formou-se um grupo de rapazes em torno da Folha Popular. Foi aí que os novos, tomando por insígnia um fauno, tentaram as suas primeiras exibições. A esse grupo prendiam-se por motivo de conveniência e por aproximação de idade Bernardino Lopes (B. Lopes), Pernetá (Emiliano, que era o secretário da redação), Oscar Rosas e Cruz e Sousa. Tais rapazes, principalmente o primeiro, não eram desconhecidos.*

(Adaptado de: ARARIPE JÚNIOR, T. A. **Literatura Brasileira – Movimento de 1893** – O crepúsculo dos povos. In: MURICY, A. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1952)

O relato refere-se ao início do movimento

- (A) parnasiano.
- (B) simbolista.
- (C) pré-modernista.
- (D) realista.
- (E) neoparnasiano.

34.

#### Aos principais da Bahia chamados os Caramurus

*Há coisa como ver um Paiaia<sup>1</sup>  
Mui prezado de ser Caramuru,  
Descendente do sangue tatu,  
Cujo torpe idioma é Cobepá<sup>2</sup>?*

*A linha feminina é Carimá<sup>3</sup>  
Muqueca, pititinga<sup>4</sup>, caruru,  
Mingau de puba, vinho de caju  
Pisado num pilão de Pirajá.*

*A masculina é um Aricobé<sup>5</sup>,  
Cuja filha Cobé<sup>6</sup>, c'um branco Pai  
Dormiu no promontório de Passé.*

*O branco é um Marau que veio aqui:  
Ela é uma índia de Maré;  
Cobepá, Aricobé, Cobé, Pai.*

(MATOS, Gregório. **Poemas escolhidos**. Seleção, introdução e notas de José Miguel Wisnik. São Paulo: Cultrix, 1976, p. 100)

#### Vocabulário:

- 1 Paiaia – Pajé.
- 2 Cobepá – dialeto da tribo cobé, que habitava as cercanias da cidade.
- 3 Carimá – bolo feito de mandioca-puba, posta de molho, utilizada para mingau.
- 4 Pititinga – espécie de peixes pequeninos.
- 5 Aricobé – cobé (nome de uma tribo de índios progenitores do Paiaia, a que se refere o poeta).
- 6 Cobé – palavra que Gregório empregava para designar os descendentes dos indígenas, pois no seu tempo o termo tupi não estava generalizado.

(Referência do vocabulário: SANTOS, Luzia Aparecida Oliva dos. **O percurso da indianidade na literatura brasileira: matizes da figuração**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009, p. 303)

Considere o soneto para analisar as afirmativas abaixo.

- I. O soneto possui características marcantes no uso dos termos da língua indígena: de um lado, a inserção do léxico tupi metáforiza uma linha constitutiva da cultura brasileira resgatando a presença do índio; de outro, o eixo alto *versus* baixo, que desmascara a figura do caramuru, mestiço.
- II. O soneto obedece ao molde europeu no tocante à forma, mas amplia sua configuração ao inserir o universo linguístico pertencente ao nativo. Com esse recurso, o efeito do poema tira as amarras da seriedade para estabelecer o vinco principal da satírica gregoriana no que lhe compete a agressão às instituições e seus representantes pelo viés lúdico, trocando a convenção pela contestação.
- III. As expressões “Descendente do sangue tatu (v.3)” e “Cujo torpe idioma é cobepá? (v.4)” assumem a duplicidade de função em seu significado por estarem indissolúvelmente ligadas aos elementos caracterizadores de ambas as culturas: o fidalgo possui “sangue de tatu” e seu idioma é “torpe”, “cobepá”.
- IV. O último verso revela que a verdadeira origem dos principais da Bahia está na nobreza de sangue azul dos europeus. Como se pode notar, o nome Paiaia, representante nato do sangue indígena, não é colocado entre os que nomeiam simbolicamente os descendentes.

Está correto o que se afirma APENAS em

- (A) I e II.
- (B) III e IV.
- (C) II, III e IV.
- (D) I, II e III.
- (E) I e IV.



35. A denominação de Modernismo abrange, em nossa literatura, três fatos intimamente ligados: um movimento, uma estética e um período. O movimento surgiu em São Paulo com a famosa Semana de Arte Moderna, em 1922, e se ramificou depois pelo País, tendo como finalidade principal superar a literatura vigente, formada pelos restos do Naturalismo, Parnasianismo e do Simbolismo. Correspondeu a ele uma teoria estética, nem sempre claramente delineada, e muito menos unificada, mas que visava, sobretudo, a orientar e definir uma renovação, formulando em novos termos o conceito de literatura e escritor. Estes fatos tiveram seu momento mais dinâmico e agressivo até mais ou menos 1930, abrindo-se a partir daí uma nova etapa de maturação, cujo término se tem localizado cada vez mais no ano de 1945. Convém, portanto, considerar como encerrada nesse ano a fase dinâmica do Modernismo.

(CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da literatura brasileira: Modernismo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 9)

Das afirmações abaixo, indique a que tem por tópico principal a apresentação da fase inicial do Modernismo relacionada ao seu período histórico.

- (A) O Modernismo se vincula estreitamente a certas transformações da sociedade. 1922 é um ano simbólico do Brasil moderno, coincidindo com o Centenário da Independência. Em 1922 irrompe a transformação literária; ocorre o primeiro dos levantes político-militares que acabariam por triunfar com a Revolução de Outubro de 1930.
- (B) Os modernistas de 1922 nunca se consideraram como componentes de uma escola, nem afirmaram ter postulados rigorosos em comum. O que os unificava era um grande desejo de expressão livre e a tendência para transmitir, sem os embelezamentos tradicionais do academismo, a emoção pessoal.
- (C) Ao voltarem as liberdades democráticas abafadas pelo regime ditatorial de 1937, inclusive as da imprensa, o País verificou, meio atônito, que tinha ingressado em uma fase nova, de industrialização e progresso econômico-social acelerado, apesar dos graves e perigosos problemas do subdesenvolvimento.
- (D) No Brasil, o Modernismo significou principalmente libertação dos modelos acadêmicos, que se haviam consolidado entre 1890 e 1920. Em relação a eles, os modernistas afirmaram a sua libertação em vários rumos e setores: vocabulário, sintaxe, escolha dos temas, a própria maneira de ver o mundo.
- (E) Em 1930, sofriamos, como todo o mundo civilizado, os efeitos da grande crise econômica mundial, aberta em 1929, que motivou um decênio de depressão; ocorre uma intensa radicalização política, tanto para a esquerda quando para a direita.

36.

#### Canção do Suicida

NÃO ME MATAREI, meus amigos.  
Não o farei, possivelmente.  
Mas que tenho vontade, tenho.  
Tenho, e, muito curiosamente,

Com um tiro. Um tiro no ouvido,  
Vingança contra a condição  
Humana, ai de nós! sobre-humana  
De ser dotado de razão.

(BANDEIRA, Manuel. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar: 1993, p. 336)

A análise adequada para o poema de Bandeira é:

- (A) Mescla-se o prosaico ao sublime, o banal ao poético. Trata-se de uma atitude de apego ao lirismo e ao amor romântico. É, pois, na criação de uma poesia do cotidiano que o poeta ironiza a idealização romântica, traçando a modernidade.
- (B) As rupturas sintáticas passariam a ser os meios correntes na poesia moderna para exprimir, no poema, o novo ambiente, em que vive o homem da grande cidade, que anda de carro, vê cinema, fala ao telefone, e está cada vez mais sujeito ao bombardeio da propaganda.
- (C) O poema já mostra, além da melancolia pela infância do eu-lírico, ideais modernistas, pela quebra de paradigmas como a forma fixa e a métrica (versos livres) e o jogo semântico das palavras em contexto.
- (D) O poema, através de simples vocabulário, atinge temas profundos e saudosistas, de forma criativa utiliza-se de fatos do cotidiano das pessoas. Nesse caso, o acidente biográfico é reconhecível na referência à falta de saúde, decorrente da tuberculose que manteve o poeta recluso num sanatório durante anos.
- (E) O poema apresenta uma das grandes conquistas dos modernos: o humorismo, sob forma de ironia ou de paradoxo, utilizando-o como instrumento de análise moral, aprofundamento das emoções e senso de complexidade do homem e do mundo.



37. *A fase Pré-Modernista passa a ser tomada como marginal ou subsidiária à estética passadista ou ao próprio Modernismo. Consequentemente, as obras que lhe remetiam pertencimento cronológico, dentre elas Canaã, eram tomadas pelo sincretismo das escolas Realismo, Naturalismo, Simbolismo, mas também pela aproximação temática ao Modernismo.*

(Adaptado de: ARAÚJO, Bárbara Del Rio. **O registro de estilo em Canaã: uma reflexão sobre a historiografia e o rótulo Pré-modernista.** In: Entretexos, Londrina, v.14, n.1, p. 240-257, jan./jun.2014)

O contraditório de classificação de Canaã, de Graça Aranha, é reiterado em:

- (A) Grande parte das análises feitas da obra prefere caracterizá-la pela relevância temática, pelo debruçar sobre os problemas sociais e morais do país, o qual é apresentado sob uma perspectiva de antecipação ao movimento Modernista na medida em que se observa o interesse pela realidade.
- (B) Aproveitando criaturas e fatos reais, pondo em cena colonos e caboclos, não fez, contudo um livro realista e ainda menos regionalista. Não interessava ao autor o pitoresco nem se sentia inclinado a submeter-se passivamente a observação, um e outro entram na obra, mas no seu lugar como elementos de construção e nunca como fim.
- (C) Na historiografia Literária brasileira o nome de Graça Aranha costuma abrir com todo o direito o capítulo do movimento de 1922, pela adesão entusiasta, determinante que essa grande personalidade, antes mesmo de grandes escritores, iria dar aos jovens de São Paulo na revolta contra as instituições.
- (D) Canaã reflete sobre situações novas como a imigração alemã no Espírito Santo, desembocando em discussões raciais, sociais e morais, prelúdio inequívoco ao Modernismo.
- (E) Embora estejam presentes na obra ideias pessimistas quanto ao Brasil e tons idílicos da colônia alemã, não há nenhuma tendência a provar a superioridade do colono branco sobre o mestiço.

38. *No Brasil houve ecos do Barroco europeu durante os séculos XVII e XVIII: Gregório de Matos, Botelho de Oliveira, Frei Itaparica e as primeiras academias repetiram motivos e formas do barroquismo ibérico e italiano.*

*Na segunda metade do século XVIII, porém, o ciclo do ouro já daria um substrato material à arquitetura, à escultura, à literatura e à vida musical, de sorte que parece lícito falar de um "Barroco brasileiro" e, até mesmo, "mineiro", cujos exemplos mais significativos foram alguns trabalhos do Aleijadinho, de Manuel da Costa Ataíde e composições sacras de Lobo de Mesquita, Marcos Coelho e outros ainda mal identificados. Sem entrar no mérito destas obras, pois só a análise interna poderia informar sobre o seu grau de originalidade, importa lembrar que a poesia coetânea delas já não é, senão residualmente, barroca, mas rococó, arcádica e neoclássica, havendo, portanto uma discronia entre as formas expressivas, fenômeno que pode ser variavelmente explicado.*

(BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira.** São Paulo: Cultrix, 2000, pp.34-35)

Do texto, infere-se sobre o "Barroco mineiro" que a partir da

- (A) segunda metade do século XVII, é marcado um estilo colonial-barroco nas artes plásticas e na música, que só se tornou uma realidade quando a exploração cultural das minas permitiu o florescimento de núcleos como Vila Rica.
- (B) segunda metade do século XVIII, transfigura-se a literatura brasileira, substituindo a simplicidade documentária de muitos cronistas por uma linguagem hipertrofiada, que embelezou e deu valor simbólico à flora e à fauna.
- (C) metade do século XVII, ocorre uma significativa ampliação de âmbito da literatura, com a descoberta das minas de ouro e de diamantes em regiões do Sul, e a necessidade de definir as fronteiras meridionais.
- (D) segunda metade do século XVIII, vê surgir na Capitania das Minas Gerais manifestações importantes na arquitetura, na escultura, na música e na literatura, marcando um momento de densidade cultural.
- (E) segunda metade do século XVII, o movimento das Academias estabeleceu os primeiros laços visíveis entre intelectuais dos diversos pontos da Colônia, ajudando a formar-se o sentimento de uma atividade literária comum.



39. *Gonzaga é conaturalmente árcaico e nada fica a dever aos confrades de escola na Itália e em Portugal. As líras são exemplo do ideal de aurea mediocritas que apara as demasias da natureza e do sentimento. A "paisagem", que nasceu para arte como evasão das cortes barrocas, recorta-se para o neoclássico nas dimensões menores da cenografia idílica. A natureza vira refúgio (locus amoenus) para o homem do burgo oprimido por distinções e hierarquias. (...). Em Gonzaga, a paisagem é ora nativa, com minúcias de cor local mineira, ora lugar ameno de virgiliana memória.*

(Adaptado de: BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2000, pp.72-73)

Quais dos versos de Gonzaga, no contexto de suas Líras, fazem alusão à "paisagem nativa de cor local mineira" citada por Bosí?

(Fonte dos versos: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000036.pdf>)

- (A) *Tenho próprio casal e nele assisto;  
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;  
Das brancas ovelhinhas tiro o leite  
E mais as finas lãs, de que me visto.* (Parte I – Lira I)
- (B) *Pintam, Marília, os poetas  
A um menino vendado,  
Com uma aljava de setas,  
Arco empunhado na mão;  
Ligeiras asas nos ombros,  
O tenro corpo despido,  
E de Amor ou de Cupido  
São os nomes que lhe dão.* (Parte I – Lira II)
- (C) *Se os peixes, Marília, geram  
Nos bravos mares e rios,  
Tudo efeitos de Amor são.  
Amam os brutos ímpios,  
A serpente venenosa,  
A onça, o tigre, o leão.* (Parte I – Lira VIII)
- (D) *Minha bela Marília, tudo passa;  
A sorte deste mundo é mal segura;  
Se vem depois dos males a ventura,  
Vem depois dos prazeres a desgraça.* (Parte I – Lira XIV)
- (E) *Tu não verás, Marília, cem cativos  
Tirarem o cascalho e a rica terra,  
Ou dos cercos dos rios caudalosos,  
Ou da minada serra.* (Parte III – Lira III)

40. Com relação ao parnasianismo brasileiro, avalie as afirmações abaixo.

- I. É na convergência de ideais antirromânticos, como a objetividade no trato dos temas e o culto da forma, que se situa a poética do Parnasianismo.
- II. A primeira corrente do Parnasianismo se amparava, sobretudo, na pesquisa lírica de intenção psicológica; procurava a beleza na expressão de estados inefáveis, por meio de tonalidades raras ou delicadas.
- III. O parnasiano típico acaba por se deleitar na nomeação de alfaias, vasos e leques chineses, flautas gregas, taças de coral, ídolos de gesso em túmulos de mármore... e exaurindo-se na sensação de um detalhe ou na memória de um fragmento narrativo.
- IV. Ao contrário do Naturalismo, que trouxe um vigoroso impulso de análise social, o Parnasianismo pouco trouxe de essencial sobre o tema.

Está correto sobre a poética parnasiana o que se afirma APENAS em

- (A) I e II.  
(B) I e IV.  
(C) II e III.  
(D) I, III e IV.  
(E) II, III e IV.



41. *Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.*
- Tupi or not tupi that is the question. (...)*
- Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago. (...)*
- Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem. (...)*
- Mas nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós. (...)*
- O instinto Caraíba. (...)*
- Nunca fomos catequizados. Fizemos foi Carnaval. O índio vestido de senador do Império. Fingindo de Pitt. Ou figurando nas óperas de Alencar cheio de bons sentimentos portugueses.*
- Já tínhamos o comunismo. Já tínhamos a língua surrealista. A idade de ouro. (...)*
- A nossa independência ainda não foi proclamada. Frase típica de D. João VI: – Meu filho, põe essa coroa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dinastia. É preciso expulsar o espírito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte.*
- Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud – a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama.*

(ANDRADE, Oswald de. **A utopia antropofágica**. São Paulo: Globo, 1995, pp. 47-52. Fragmento. Inclui: A antropofagia ao alcance de todos, por Benedito Nunes.)

Das análises críticas de Benedito Nunes, qual corresponde ao manifesto lido?

- (A) O Manifesto Pau-Brasil inaugurou o primitivismo nativo, que muito mais tarde, num retrospecto geral do movimento modernista, Oswald de Andrade reputaria o único achado da geração 22.
- (B) Rompendo com a orientação marxista em 1945, proclamava Oswald, dois anos depois, o seu retorno à Antropofagia.
- (C) Em 1927, o grupo Anta, nova denominação do *Verdamarelo* reformulado, assentou as bases ideológicas de seu nacionalismo numa “política brasileira com raízes profundas na terra americana e na alma da pátria”.
- (D) Pelo primitivismo psicológico, o Manifesto Pau-Brasil valorizou estados brutos da alma coletiva, que são fatos culturais e deu relevo à simplificação e à depuração formais que captariam a originalidade nativa.
- (E) Os aforismos do Manifesto Antropófago misturam, numa só torrente de imagens e conceitos, a provocação polêmica à proposição teórica, a piada às ideias, a irreverência à intuição histórica, o gracejo à intuição filosófica.
- 
42. *O escritor atinge a maturidade do realismo de sondagem moral que as obras seguintes iriam confirmar. Quando o romancista assumiu, naquele livro capital, o foco narrativo, na verdade passou ao defunto-autor delegação para exhibir, com o despejo dos que já nada mais temem, as peças de cinismo e indiferença com que via montada a história dos homens. A revolução dessa obra, que parece cavar um fosso entre dois mundos, foi uma revolução ideológica e formal: aprofundando o desprezo às idealizações românticas e ferindo no cerne o mito do narrador onisciente, que tudo vê e tudo julga, deixou emergir a consciência nua do indivíduo, fraco e incoerente.*

(Adaptado de: BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2000, p. 174-177)

O referente de “naquele livro capital” é o seguinte romance de Machado de Assis:

- (A) Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881).
- (B) Quincas Borba (1892).
- (C) Dom Casmurro (1900).
- (D) Esaú e Jacó (1904).
- (E) Relíquias da Casa Velha (1906).



43. **MINISTÉRIO DA CULTURA**  
**Fundação Biblioteca Nacional**  
Departamento Nacional do Livro

**O MULATO** (fragmento)  
Aluísio de Azevedo

*Em todas as direções cruzavam-se homens esbofados e rubros; cruzavam-se os negros no carro e os caixeiros que estavam em serviço na rua; avultavam os paletós-sacos, de brim pardo, mosqueados nas espáduas e nos sovacos por grandes manchas de suor. Os corretores de escravos examinavam, à plena luz do sol, os negros e moleques que ali estavam para ser vendidos; revistavam-lhes os dentes, os pés e as virilhas; faziam-lhes perguntas sobre perguntas, batiam-lhes com a biqueira do chapéu nos ombros e nas coxas, experimentando-lhes o vigor da musculatura, como se estivessem a comprar cavalos.*

(Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000166.pdf>)

Nesse fragmento, o narrador acentua

- (A) as intrigas entre as personagens, pelo tema do amor, que as tradições impedem de se realizar devido ao preconceito racial e social.
- (B) o amor-próprio dos homens e o arbítrio da fortuna para reconstruir na ficção os labirintos da realidade e da paisagem natural.
- (C) os aspectos fisiológicos do homem, seu parentesco com os animais, e o retrata de maneira irônica, lúgubre e nos seus aspectos sórdidos e vis.
- (D) o moralismo, no que se refere à opinião ou atitude sobre os atos humanos, pois o que importa é o juízo sobre eles e não os atos em si mesmo.
- (E) os interesses de posição, prestígio e dinheiro relacionados à libido e à vontade de poder que regem os passos do homem em sociedade.

44. O Currículo Básico Escola Estadual – Ensino Médio (2009, vol. 1), proposto pela Secretaria de Educação do Espírito Santo, determina o Conteúdo Básico Comum – Língua Portuguesa para os três anos do Ensino Médio. São apresentados quadros com a proposição de divisão dos conteúdos/tópicos em três eixos: (1) Linguagem; (2) Conhecimento Linguístico; (3) Cultura, Sociedade e Educação.

Para o 1º ano (p. 71-2) do Ensino Médio, no eixo (2) Conhecimento Linguístico, é indicado, dentre outros, o estudo dos seguintes conteúdos/tópicos:

- (A) A influência indígena e africana na formação da Língua Portuguesa do Brasil.
- (B) Semântica: ambiguidades, figuras de linguagem, sinonímia, antononímia, paronímia, homonímia, hiponímia, hiperonímia.
- (C) Conceito de aculturação. A inquisição e seus efeitos maléficos sobre a cultura brasileira: delação, bisbilhotice, hipocrisia e preconceito.
- (D) Metodologia científica e normas básicas da ABNT.
- (E) Variantes linguísticas.

45. *Ensinar o leitor-aluno a fixar objetivos e a ter estratégias de leitura, de modo a perceber que essa depende da articulação de várias partes que formam um todo. É, então, um pressuposto metodológico a ser considerado. O leitor está inserido num contexto e precisa considerar isso para compreender os textos escritos. Em sala de aula, configuram-se como estratégias de preparação para a leitura as ações de descobrir conhecimentos prévios dos alunos, discutir o vocabulário do texto, explorar a seleção do tema do texto, do assunto tratado, levantar palavras-chave ligadas a esse tema/assunto, e exercitar inferências sobre o texto.*

(Espírito Santo (Estado). Secretaria da Educação. **Ensino fundamental**: anos finais: área de Linguagens e Códigos / Secretaria da Educação. Vitória: SEDU, 2009, p. 69. v.1)

O ato de “exercitar inferências sobre o texto” pressupõe desenvolver atividades pedagógicas que permitam ao leitor-aluno

- (A) destacar o que é do seu interesse no texto.
- (B) localizar informações explícitas no texto.
- (C) apreender informações implícitas no texto.
- (D) produzir novo texto com base no texto lido.
- (E) ler em voz alta o texto de leitura.



46. *Bastante significativo das tensões que caracterizam a disciplina de LP no EM, hoje, é o quadro geral do tratamento que cada coleção dá ao ensino da literatura e, portanto, à formação do leitor de textos literários.*

*Evidenciam-se com muita nitidez duas tendências metodológicas polares: a literatura é tratada ora como um eixo de ensino próprio, ora como um objeto de conhecimento particular, construído por meio da articulação da leitura de textos culturalmente considerados como “literários” com uma reflexão específica e a construção de um corpo próprio de conhecimentos linguísticos (e/ou literários).*

(Guia de livros didáticos: PNLD 2015: língua portuguesa: ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014)

O princípio organizador de abordagem do ensino da literatura como um “objeto de conhecimento particular” é

- (A) a cronologia e a história da literatura, seguida pela proposição de leitura de certos gêneros e autores de época. Nesse caso, autores de épocas distintas, assim como seus temas mais recorrentes, são perfilados.
- (B) a exposição da matéria, seguida de uma sucessão de períodos, escolas, tendências e estilos de época, cada um deles com os seus autores e obras principais, assim como gêneros, concepções e procedimentos estéticos característicos.
- (C) o contexto estético e histórico-social da obra. Quando é esta a abordagem, o foco didático está nas informações sobre o fato literário.
- (D) a apresentação para cada tópico estudado de textos de referência cuja proposta de leitura é dirigida para o reconhecimento de características explicitadas de antemão.
- (E) o da experiência de leitura de certos gêneros e autores literários. As atividades abordam o caráter predominantemente ficcional e estético dos textos, explorando sua compreensão e as suas particularidades de tema e de estilo.

47. *Tomemos um exemplo simples: o do romance Senhora, de José de Alencar.*

*Ele possui certas dimensões sociais evidentes, cuja indicação faz parte de qualquer estudo, histórico ou crítico: referências a lugares, modas, usos; manifestações de atitudes de grupo ou de classe; expressão de um conceito de vida entre burguês e patriarcal. Apontá-las é tarefa de rotina e não basta para definir o caráter sociológico de um estudo.*

*Mas acontece que, além disso, o próprio assunto repousa sobre condições sociais que é preciso compreender e indicar, a fim de penetrar no significado. Trata-se da compra de um marido; e teremos dado um passo adiante se refletirmos que essa compra tem um sentido social simbólico, pois é ao mesmo tempo representação e desmascaramento de costumes vigentes na época, como o casamento por dinheiro. Mas, ao vermos isto, ainda não estamos nas camadas mais fundas da análise, – o que só ocorre quando este traço social constatado é visto funcionando para formar a estrutura do livro.*

*Se, pensando nisto, atentarmos para a composição de Senhora, veremos que repousa numa espécie de longa e complicada transação, – com cenas de avanço e recuo, diálogos construídos como pressões e concessões, um enredo latente de manobras secretas, – no correr da qual a posição dos cônjuges se vai alterando.*

*Referindo esta verificação às anteriores, feitas em nível mais simples, constatamos que se o livro é ordenado em torno desse longo duelo, é porque o duelo representa a transposição, no plano da estrutura do livro, do mecanismo da compra e venda. Esta não é afirmada abstratamente pelo romancista, nem apenas ilustrada com exemplos, mas sugerida na própria composição do todo e das partes, na maneira por que organiza a matéria, a fim de lhe dar uma certa expressividade.*

(Adaptado de: CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, p. 16)

Antonio Candido propõe uma metodologia dialética para a interpretação do romance *Senhora* que pode ser transposta como indicação para abordagem do texto literário na escola, da seguinte forma:

- (A) Enumerar os fatores sociais e as condições políticas e econômicas da época em que o texto foi escrito, e em seguida analisar a estrutura da obra, desvinculando as duas ordens.
- (B) Levar em conta o elemento social, como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte.
- (C) Estabelecer uma relação entre a obra e o público, isto é, o seu destino, a sua aceitação, a ação recíproca, mais ancorados nos fatos da época, e depois, abordar o problema histórico da aceitação pública da obra através do tempo.
- (D) Estudar a posição e a função social do escritor, procurando relacionar a sua posição com a natureza da sua produção e ambas com a organização da sociedade, para investigar a função política da obra e do seu autor.
- (E) Deixar de relacionar sociedade e obra e de transportar o referido paralelismo à interpretação da obra, priorizar a estrutura que constitui o ponto de referência para o estudo, com absoluta predominância do aspecto sincrônico sobre o diacrônico.



48. *E é justamente pelo lirismo reflexivo que Rubem Braga, capixaba de Cachoeiro do Itapemirim, ocupa um lugar de destaque na história da literatura brasileira contemporânea: corajosamente ele só tem publicado crônicas, mesmo que em uma delas confesse ter escrito um soneto “para enfrentar o tédio dos espelhos”. Sua opção é ainda mais corajosa porque, vivendo num país de frases bombásticas, ele cumpre a principal característica do escritor: o despojamento verbal, que implica uma construção ágil, direta, sem adjetivações.*

(SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1987, p. 13. Fragmento)

O “despojamento verbal, que implica uma construção ágil, direta, sem adjetivações” também se observa no seguinte comentário sobre Braga:

- (A) Você (Rubem Braga) para mim é um poeta que teve pudor de escrever versos, e então inventou a crônica (pois foi você que inventou esse gênero de literatura), crônica que é poesia em prosa, em você. (Clarice Lispector).
- (B) De repente me deu o estalo e achei: eu estava era sentindo falta da crônica diária do velho Braga: a semanal da Manchete não me bastava. Agora estou como quero: compro de manhã o Diário de Notícias e vou logo a segunda página, ao puxa-puxa de Braga. Braga é sempre bom, e quando não tem assunto então é ótimo. (Manuel Bandeira).
- (C) Os olhos do cronista, treinados no jornal para o flagrante do cotidiano, afeitos à experiência do choque inesperado em qualquer esquina, estão preparados, em meio à vida fragmentária, aleatória e fugaz dos tempos modernos, para a caça de instantâneos. (David Arrigucci Jr.).
- (D) Esse estilo conciso (de Braga), que se comunga com a simplicidade, acaba por conceber um texto claro, provido de construções oracionais e tópicos frasais ordenados em linearidade progressiva, e com primazia de períodos coordenados. (Cícero Nicácio do Nascimento Lopes).
- (E) Sem dúvida, se tratava de um cronista, de um narrador comentarista dos fatos corriqueiros de todo dia, mas algo ali transfigurava a crônica, dando-lhe uma consistência que ela jamais tivera. (David Arrigucci Jr.).

**Atenção:** As questões de números 49 e 50 referem-se ao texto abaixo.

### **As enchentes de minha infância**

Rubem Braga

*Sim, nossa casa era muito bonita, verde, com uma tamareira junto à varanda, mas eu invejava os que moravam do outro lado da rua, onde as casas dão fundos para o rio. Como a casa dos Martins, como a casa dos Leão, que depois foi dos Medeiros, depois de nossa tia, casa com varanda fresquinha dando para o rio.*

*Quando começavam as chuvas a gente ia toda manhã lá no quintal deles ver até onde chegara a enchente. As águas barrentas subiam primeiro até a altura da cerca dos fundos, depois às bananeiras, vinham subindo o quintal, entravam pelo porão. Mais de uma vez, no meio da noite, o volume do rio cresceu tanto que a família defronte teve medo.*

*Então vinham todos dormir em nossa casa. Isso para nós era uma festa, aquela faina de arrumar camas nas salas, aquela intimidade improvisada e alegre. Parecia que as pessoas ficavam todas contentes, riam muito; como se fazia café e se tomava café tarde da noite! E às vezes o rio atravessava a rua, entrava pelo nosso porão, e me lembro que nós, os meninos, torcíamos para ele subir mais e mais. Sim, éramos a favor da enchente, ficávamos tristes de manhãzinha quando, mal saltando da cama, íamos correndo para ver que o rio baixara um palmo – aquilo era uma traição, uma fraqueza do Itapemirim. Às vezes chegava alguém a cavalo, dizia que lá, para cima do Castelo, tinha caído chuva muita, anunciava águas nas cabeceiras, então dormíamos sonhando que a enchente ia outra vez crescer, queríamos sempre que aquela fosse a maior de todas as enchentes.*

(BRAGA, Rubem. **As enchentes de minha infância**. In: *Ai de ti*, Copacabana. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962, p. 157)

49. É correto afirmar sobre a crônica:
- (A) A organização compositiva da narrativa se dá no momento presente, mas “de repente”, algo surge, que faz com que o narrador se recorde de algo que ele viveu em seu passado. A partir do “estalo”, que é captado pelo narrador a partir de um detalhe, a narrativa toma outro rumo e incursiona em algum momento do passado.
- (B) Após cercar-se dos acontecimentos diários, o narrador dá-lhes um toque próprio, incluindo em seu texto elementos como ficção, fantasia e criticismo. A crônica toma uma forma realista que se plasma com essa matéria mesclada do cotidiano, aspirando à comunicação humana e fazendo da solidariedade social um valor básico.
- (C) Prepondera uma atmosfera restauradora de painéis temporais pretéritos, dispostos na recomposição de elementos relacionados à própria experiência de vida do autor. O narrador evoca fatos, pessoas, objetos e espaços e os resgata à momentaneidade do presente.
- (D) Depois de falar de negócios, família, política e da vida de todo o dia. O narrador volta ao tempo presente e exalta os cantos pitorescos de sua terra, fatos e valores substanciais que darão contornos, através do manejo da linguagem, a um quadro de imagens nostálgicas.
- (E) O narrador ridiculariza e ironiza o fato, tema da crônica, e, sendo, sorrateiramente, corrosivo e impiedoso, mas sob um tom que não perde o humor, fixa um olhar investigativo sobre a confluência de dois planos temporais primordiais que assinalam a recordação contemplativa.



50. Há a presença do discurso indireto em:
- (A) *Eu invejava os que moravam do outro lado da rua, onde as casas dão fundos para o rio.*
  - (B) *Quando começavam as chuvas a gente ia toda manhã lá no quintal deles ver até onde chegara a enchente.*
  - (C) *Então vinham todos dormir em nossa casa.*
  - (D) *Parecia que as pessoas ficavam todas contentes, riam muito; como se fazia café e se tomava café tarde da noite!*
  - (E) *Às vezes chegava alguém a cavalo, dizia que lá, para cima do Castelo, tinha caído chuva muita.*
- 
51. Segundo FIORIN, em *Polifonia Textual e Discursiva* (1999), “a intertextualidade é o processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo. Há de haver três processos de intertextualidade: a citação, a alusão e a estilização. [...] A estilização é a reprodução dos procedimentos do ‘discurso de outrem’, isto é, do estilo de outrem”, em geral, com “função polêmica”.
- Considere o contexto de produção dos enunciados a seguir para identificar aquele em que ocorre o processo de estilização.
- (A) A Polícia Federal deflagrou hoje (15) a Operação Catilinárias, em conjunto com o Ministério Público Federal. (In: Marcelo Camargo, *Agência Brasil*, 15. dez. 2015. A manchete incorpora discurso político de Cícero dirigido a Catilina, conhecido como “Catilinárias”.)
  - (B) “De minha parte, creio que fora de Paris não há salvação para um homem de espírito”. (In: Roberto Pompeu de Toledo, *Veja*, 25. nov. 2015, em homenagem a Paris, retoma em seu artigo, entre aspas, uma frase de Molière).
  - (C) Rua Líbero Badaró, 67, terceiro andar, sala 2, centro de São Paulo. O endereço da garçonière do escritor Oswald de Andrade (1890-1954) é considerado por estudiosos um dos berços do modernismo brasileiro”. (Luís Anatônio Giron. A garçonière redescoberta. **Folha de S. Paulo**, 20 de dezembro de 2015.)
  - (D) Dizia o dono da venda: “É 11; pra você eu faço 10”. (In: Corra, freguês, corra, Ivan Ângelo, *Veja São Paulo*, 25. nov. 2015. O trecho entre aspas reproduz a fala de personagem.)
  - (E) Nem cinco sóis eram passados que de vós nos partíramos, quando a mais temerosa desdita pesou sobre Nós. [...] O que vos interessará mais, por sem dúvida, é saberdes que os guerreiros de cá não buscam mavórticas damas para o enlace epitalâmico. (Mário de Andrade, em *Macunaíma*, retomando Camões).
- 
52. O locutor pode indicar diferentes pontos de vista em uma asserção, atribuindo sua responsabilidade a outro enunciador. Para isso, pode utilizar-se da negação, de marcadores de pressuposição, do emprego de verbos que indiquem mudança ou permanência de estado, de certos operadores argumentativos, do futuro do pretérito com valor de metáfora temporal.
- Essa definição de KOCH, BENTES e CAVALCANTE (2008) corresponde ao conceito de
- (A) polifonia.
  - (B) intertextualidade temática.
  - (C) intertextualidade tipológica.
  - (D) intertextualidade explícita.
  - (E) intertextualidade implícita.
- 

Atenção: As questões de números 53 a 55 referem-se ao texto abaixo.

#### Documentos sobre Shakespeare 'vândalo' são abertos ao público

Em 1596, William Shakespeare e seus atores tiveram de deixar o teatro isabelino *The Theatre*, localizado em Shoreditch, em Londres, até então o recanto da dramaturgia inglesa. O período de 21 anos de concessão do terreno ao ator e empresário James Burbage havia chegado ao fim, e o senhorio exigia as terras de volta. Desolados, Shakespeare e os homens de sua companhia, *Lord Chamberlain's Men*, se uniram para roubar o teatro – tábuas por tábuas, prego por prego – e reconstruí-lo em outro lugar.

A história ocorrida em 28 de dezembro de 1598 não é inédita e consta em diversas biografias de Shakespeare. Agora, contudo, chegou o momento de ouvir o outro lado da ação: a justiça. De acordo com a transcrição do processo judicial de 1601, Shakespeare, seus atores e amigos (incluindo Burbage) foram “violentos” em uma ação “desenfreada” que destruiu o *The Theatre*. O documento diz que o dramaturgo e seus cúmplices estavam armados com punhais, espadas e machados, o que causou “grande distúrbio da paz” e deixou testemunhas “aterrorizadas”.

Até então guardado em segurança pelo National Archive, o arquivo do Reino Unido, o documento é uma das peças que serão exibidas ao público no centro cultural londrino Somerset House, a partir de fevereiro de 2016, ano em que se completam quatro séculos da morte do Bardo.

(VIANA, Rodolfo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/12/1718868-documentos-sobre-shakespeare-vandalo-sao-abertos-ao-publico.shtml>. Acesso em 16/12/2015)

53. No gênero notícia, verifica-se que a principal função da linguagem, segundo JAKOBSON (1963), é a
- (A) conativa.
  - (B) emotiva.
  - (C) metalinguística.
  - (D) fática.
  - (E) referencial.



54. Nesse texto, observa-se que os responsáveis pelo ato de vandalismo são renomeados: “William Shakespeare e seus atores”; “Shakespeare e os homens de sua companhia”; “Shakespeare, seus atores e amigos”; “o dramaturgo e seus cúmplices”.

Entende-se que, nesse caso, a progressão textual (KOCK, 1994) se dá por recorrência de

- (A) nominalizações.
- (B) paráfrases.
- (C) hiperônimos.
- (D) marcadores de situação.
- (E) marcadores conversacionais.

55. No texto, a função dos travessões em “– tábua por tábua, prego por prego –” é destacar

- (A) o modo de realização da ação verbal.
- (B) a locução adverbial temporal.
- (C) a expressão nominal retificadora.
- (D) o duplo adjunto adnominal.
- (E) a conclusão da ação verbal.

56. Considere as seguintes proposições:

- I. VARGAS, em *Verbo e práticas discursivas* (2011) explica que um fenômeno recente no português é o uso de “*construções com o verbo ir no presente, acompanhado do verbo estar e de uma forma de gerúndio, dando origem ao que se convencionou chamar de ‘gerundismo’*”. Para a autora “os usos das formas verbais e suas respectivas marcas de subjetividade, de temporalidade e de aspectualidade são verdadeiras operações de produção de sentido, que envolvem sujeitos situados nas mais variadas circunstâncias de interação social”.
- II. ABREU (2003) alerta que construções denominadas “gerundismo” envolvendo futuro + gerúndio justificam-se “apenas quando a ação do verbo apresentar aspecto durativo”.
- III. FIORIN (2011) explica que “quando uma forma linguística atende a uma necessidade de comunicação, ela se difunde. Eis o caso do gerundismo. Os operadores de telemarketing descobriram que era útil. Porque soa como uma forma polida de falar, tal como o futuro do pretérito é usado por quem quer ser gentil, e dá uma ideia de descompromisso e desobrigação: ‘vou estar enviando’ não é tão afirmativo quanto ‘vou enviar’”.

O enunciado em que o emprego das formas verbais com gerúndio está correto por ter aspecto durativo prolongado é

- (A) Certamente vou estar denunciando o seu atraso para a chefia.
- (B) Penso que ela deveria estar fazendo o almoço, quando bateram à porta.
- (C) Desejaria estar recebendo sua confirmação pelo SMS amanhã.
- (D) O importante é estar garantindo que ela vai estar aceitando esse convite.
- (E) O doutor vai estar marcando sua consulta em seguida.

57. *Embora tivesse vindo ao mundo no dia 16 de Novembro de 1922, os meus documentos oficiais referem que nasci dois dias depois, a 18: foi graças a esta pequena fraude que a família escapou ao pagamento da multa por falta de declaração do nascimento no prazo legal.*

(SARAMAGO, José. Disponível em: <http://josesaramago.blogs.sapo.pt/95061.html> . Acesso em 23/03/2014)

No texto acima, verifica-se que o emprego da preposição em “a 18” é indicativo da variedade linguística

- (A) histórica, que se refere à dinamicidade da língua, que muda permanentemente com os seus falantes.
- (B) social, que depende do contexto de comunicação, de quem são os interlocutores e seus objetivos.
- (C) relativa à faixa etária: crianças, jovens, adultos e velhos podem ter um vocabulário diverso.
- (D) geográfica, pois se refere ao uso da mesma língua em diferentes países.
- (E) de registro, relacionada ao maior grau de informalidade entre os interlocutores.

58. *Assim, a expressão norma culta deve ser entendida como designando a norma linguística praticada, em determinadas situações (aquelas que exigem certo grau de formalidade), por aqueles grupos sociais mais diretamente relacionados com a cultura escrita, em especial por aquela legitimada historicamente pelos grupos que controlam o poder social. [...] A cultura escrita, associada ao poder social, desencadeou também, ao longo da história, um processo fortemente unificador, que visou e visa uma relativa estabilização linguística, buscando neutralizar a variação e controlar a mudança. Ao resultado desse processo, a essa norma estabilizada, costumamos dar o nome de norma-padrão ou língua padrão.*

(FARACO, 2002, p.40)

Depreende-se da leitura do texto que a

- (A) norma culta é a língua falada pelos que, detendo maior prestígio social, buscam impô-la aos menos favorecidos.
- (B) norma culta e a norma-padrão são expressões sinônimas, pois ambas neutralizam as variedades incultas e populares.
- (C) norma-padrão é escrita e refratária à variação linguística, pois busca estabilizar a língua, normatizando-a.
- (D) norma-padrão restringe-se às situações comunicativas sociais em que o falante tem reconhecido poder social.
- (E) norma-padrão é aquela falada pela maioria da população em situações que exijam formalidade discursiva.



59. BAKHTIN, em *Estética da Criação Verbal*, explica que: "O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo de atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. [...] Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso".

Depreende-se do texto que, na caracterização de um gênero discursivo, deve-se considerar, principalmente,

- (A) o emprego de recursos linguísticos específicos e a fixação dos enunciados orais e escritos.
- (B) a ocorrência particular, específica, dependendo da esfera de comunicação a que pertencem os falantes.
- (C) o modo de composição, o tema e os usos de linguagem relacionados às finalidades de cada campo de atividade humana.
- (D) a irregularidade no emprego de enunciados orais e escritos em determinados campos de atividade verbal.
- (E) os enunciados escritos que dão concretude à oralidade, dependendo da esfera de comunicação.

## 60. AquiÁfrica

*Treze artistas contemporâneos da chamada África Subsaariana – que compreende países ao sul do Deserto do Saara, como Nigéria, Camarões, Congo e Angola – abordam em suas obras questões sobre imigração, xenofobia, sistemas de poder e tradições culturais. A mostra faz parte do projeto Art for the World, da curadora suíça Adelina von Fürstenberg, que aborda os direitos humanos em exposições de arte.*

Sesc Belenzinho. Rua padre Adelino, 1000, Belenzinho. Terça a sexta, 13h às 21h; sábado, domingo e feriados, 11h às 19h. Grátis. Até 28 de fevereiro de 2016.

(Exposições. **Veja São Paulo**. 30 dez. 2015, p. 62)

Esse texto é

- (A) uma sinopse, que apresenta brevemente um evento cultural.
- (B) um comentário, que visa à qualificação de um acontecimento paulistano.
- (C) uma resenha, pois tem finalidade informativa e pertence à esfera cultural.
- (D) um sumário, visto que relaciona os principais elementos do fato.
- (E) um classificado, que anuncia um evento cultural, com finalidade publicitária.

Atenção: As questões de números 61 e 62 referem-se ao texto abaixo.

*A maioria dos países da América Latina, incluindo o Brasil, só começou a montar seu sistema escolar quando em muitas outras nações do mundo já existiam universidades bem estruturadas e de qualidade. Mesmo assim, era um privilégio para poucos. Apenas nos anos 1970 e 1980 começou na América Latina a discussão sobre a educação ser um direito de todos. Mas claramente ainda nos falta a percepção moderna de que esse é um fator estratégico para o avanço. Se buscamos uma sociedade ancorada no conhecimento, tudo, absolutamente tudo, deve se voltar para a escola.*

(TORO, Bernardo. **Veja**, 18 nov. 2015, p.17)

61. Em relação aos modos de organização textual, esse texto apresenta, em sequência, a

- (A) descrição e a narração observadas na recuperação histórica de fatos, em formas verbais do pretérito; a argumentação, apoiada em argumentos de autoridade, em formas verbais do presente.
- (B) descrição de acontecimentos do passado, por meio de relato histórico, em formas verbais do presente; a narração, responsável pela apreciação do autor, em formas verbais do pretérito.
- (C) narração, em formas verbais do pretérito, fundamentada na descrição de acontecimentos históricos, situados no tempo presente.
- (D) argumentação, no pretérito, sobre acontecimentos históricos; a descrição e a narração de argumentos e de pontos de vista, em formas verbais do presente.
- (E) narração de fatos historicamente situados, em formas verbais do pretérito; a argumentação, observada nas opiniões emitidas em formas verbais do presente.

62. Considere as seguintes proposições:

- I. PERINI, em *Gramática do Português Brasileiro* (2010), explica que a "concessão é algo como uma consideração que diminui a força de um argumento dado".
- II. CASTILHO, em *Nova Gramática do Português Brasileiro* (2010) pondera que as orações concessivas, "discursivamente, alteram o eixo argumentativo".
- III. CUNHA e CINTRA, em *Nova gramática do português contemporâneo* (2008), explicam que a oração concessiva admite "um fato contrário à ação principal, mas incapaz de impedi-la".

É exemplar dessas ponderações a oração do texto iniciada por:

- (A) quando.
- (B) já.
- (C) mesmo assim.
- (D) mas.
- (E) se.



63. *Estava à toa na vida meu amor me chamou*

*Pra ver a banda passar tocando coisas de amor.*

(HOLANDA, Chico Buarque de. **A Banda**, 1966)

A ocorrência de crase na locução “à toa” no texto explica-se como

- (A) emprego metafórico do substantivo feminino “toa”, cabo que reboca um barco.
- (B) omissão de parte da locução, no caso à (moda de) toa, um tipo de embarcação.
- (C) alteração de gênero provocado pelo uso popular do substantivo masculino (o)“toa”.
- (D) exigência de preposição a pelo verbo “estar”, situado à esquerda do artigo a (toa).
- (E) uso facultativo do artigo a diante do substantivo feminino “toa”, tipo de barco.

64. Na língua portuguesa, a grafia de certas palavras pode ser justificada pela sua origem. Assim, o emprego de *j* em palavras, tais como as destacadas em – Não gosto de **jiló**. / A **jiboia** é uma enorme cobra brasileira. /O **jerico** empacou no meio da estrada. – é explicado pela origem

- (A) africana, as duas primeiras; tupi, a terceira.
- (B) africana, tupi e desconhecida, respectivamente.
- (C) desconhecida, a primeira; tupi, as duas últimas.
- (D) tupi, a primeira; africana, as duas últimas.
- (E) tupi, as duas primeiras; desconhecida a terceira.

65. *O inventário dos prejuízos sociais e ambientais ainda está apenas começando, mas, de acordo com especialistas, os ecossistemas atingidos estão irreversivelmente comprometidos.*

(CASTRO, Fábio de; RIBEIRO, Bruno; CARVALHO, Marco Antônio. Enxurrada de lama tira vida dos ecossistemas. **O Estado de S. Paulo**, 15 nov. 2015, p. A25)

A reescrita em que a alteração na ordem das palavras mantém o sentido do enunciado e em que está correta a pontuação é:

- (A) Irreversivelmente comprometidos estão os ecossistemas atingidos. Entretanto, ainda está apenas começando, o inventário dos prejuízos sociais e ambientais, de acordo com especialistas.
- (B) O inventário dos prejuízos sociais e ambientais ainda está apenas começando, de acordo com especialistas. Mas os ecossistemas atingidos estão, irreversivelmente, comprometidos.
- (C) Os ecossistemas atingidos estão irreversivelmente comprometidos de acordo com especialistas; mas, ainda está apenas começando o inventário dos prejuízos sociais e ambientais.
- (D) Ainda está apenas começando o inventário dos prejuízos sociais e ambientais; no entanto os ecossistemas atingidos, de acordo com especialistas, estão irreversivelmente comprometidos.
- (E) De acordo com especialistas os ecossistemas atingidos estão, irreversivelmente comprometidos; apesar de o inventário dos prejuízos sociais e ambientais, ainda estar apenas começando.

66. *De cima, a água laranja do Rio Doce parece estática. A lama de rejeitos se move a cerca de 1,2 quilômetro por hora desde o dia 5, quando aconteceu a tragédia, e vai percorrer toda a calha de 853 quilômetros entre o município de Rio Doce, em Minas, até Regência, vila do município de Linhares, no Espírito Santo, onde encontra o Oceano Atlântico. A expectativa é que a onda atinja o oceano neste fim de semana, levando mais problemas de abastecimento a cidades capixabas.*

(CASTRO, Fábio de; RIBEIRO, Bruno; CARVALHO, Marco Antônio. Enxurrada de lama tira vida dos ecossistemas. **O Estado de S. Paulo**, 15 nov. 2015, p. A25)

Segundo a classificação de tópico frasal e de desenvolvimento de parágrafo proposta por GARCIA, em *Comunicação em Prosa Moderna* (2002), a construção desse parágrafo dá-se, respectivamente, por

- (A) alusão histórica – confronto.
- (B) omissão de dados identificadores – analogia.
- (C) declaração inicial – descrição de detalhes.
- (D) definição – razão e consequência.
- (E) divisão – citação de exemplos.



67. GARCIA (2003) aponta que o paralelismo sintático e semântico remete à lógica da correlação e associação de ideias, por isso sua ausência pode provocar incoerência. No entanto, autores de várias épocas usaram-na com propósito estilístico. O enunciado que corresponde a essa asserção é:
- (A) Duas coisas prega hoje a igreja a todos os mortais: ambas grandes, ambas tristes, ambas temerosas, ambas certas. (Pe. Antonio Vieira)
- (B) O corpo do vaqueiro derreava-se, as pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados. (Graciliano Ramos)
- (C) De estado calado, ele sempre aceitava todo bom e justo conselho. Mas não louvava cantoria. Estavam falando todos juntos? Então Medeiro Vaz não estava lá. (Guimarães Rosa)
- (D) Cotejava o passado com o presente. Que era, há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista. (Machado de Assis)
- (E) Já um estirão era andado quando, numa roça de mandioca, adveio aquele figurão de cachorro, uma peça de vinte palmos de pelo e raiva. (José Cândido de Carvalho)
- 
68. Segundo KOCH e TRAVAGLIA (1995), “a coerência não é apenas uma característica do texto, mas depende fundamentalmente da interação entre o texto, aquele que o produz e aquele que busca compreendê-lo”. Nesse sentido, para os autores, a coerência está relacionada
- (A) à situação discursivo-comunicativa, ao grau de conhecimento de mundo do interlocutor e do seu domínio dos elementos linguísticos e textuais.
- (B) à busca de êxito discursivo, condicionada a cada um dos interlocutores, que devem ter o domínio de recursos linguísticos e textuais.
- (C) ao emprego de modelos textuais adequados que considerem o contexto de produção discursiva e o domínio da norma-padrão.
- (D) à interpretação muito variável do interlocutor, visto que um texto pode manifestar incoerência na superfície linguística.
- (E) aos planos individuais de cada um dos interlocutores, que lhe permitam controlar o processo comunicativo por meio de estruturas linguísticas.

**Atenção:** As questões de números 69 e 70 referem-se ao texto abaixo.

### O melhor de Calvin Bill Watterson



(Adaptado. **O Estado de S. Paulo**. 01.01.2015)

69. No segundo quadrinho, o uso do futuro do pretérito, da pontuação interrogativa e dos processos sintáticos de coordenação e de subordinação resulta em um enunciado que expressa
- (A) indignação.
- (B) dúvida.
- (C) polidez.
- (D) sabedoria.
- (E) perspicácia.
- 
70. Em relação aos enunciados dos quadrinhos, a conjunção “ou” introduz, no quarto quadrinho,
- (A) uma justificativa.
- (B) uma contradição.
- (C) uma certeza.
- (D) outra possibilidade.
- (E) outra explicação.

**PROVA DISCURSIVA – ESTUDO DE CASO****Atenção:**

Conforme Edital do Concurso, Capítulo IX, itens:

“9.6 Será atribuída nota **zero** à questão da Prova Discursiva – Estudo de Caso que: a) fugir à modalidade de texto solicitada e/ou ao tema proposto; b) apresentar textos sob forma não articulada verbalmente (apenas com desenhos, números e palavras soltas ou em versos) ou qualquer fragmento de texto escrito fora do local apropriado; c) for assinada fora do local apropriado; d) apresentar qualquer sinal que, de alguma forma, possibilite a identificação do candidato; e) estiver em branco; f) apresentar letra ilegível. 9.7 O espaço para rascunho no Caderno de Provas é de preenchimento facultativo. Em hipótese alguma o rascunho elaborado pelo candidato será considerado na correção da Prova Discursiva pela Banca Examinadora. 9.8 A Prova Discursiva – Estudo de Caso terá caráter eliminatório e classificatório e será avaliada na escala de 0 a 50 (cinquenta) pontos, sendo 25 (vinte e cinco) pontos por questão. Considerar-se-á habilitado o candidato que obtiver pontuação igual ou superior a 25 (vinte e cinco) no somatório dos pontos das duas questões.”

**QUESTÃO 1**

Os professores do 1º ano de ensino médio de uma escola estadual constataam que os alunos, em sua maioria, não possuem formação básica mínima para os estudos de nível médio: não sabem pesquisar, não sabem escrever relatórios simples, desconhecem conceitos básicos e não escrevem com correção gramatical nem de conteúdo.

Apresente duas propostas, com respectivas justificativas, de como um professor deveria atuar nesse cenário na resolução dos problemas escolares.

(Utilize as linhas abaixo para rascunho)

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	

NÃO ESCREVA NESTE ESPAÇO



## QUESTÃO 2

Leia o item que fez parte da Prova Brasil/Saeb – Leitura – 9º ano do Ensino Fundamental, para responder às questões.

### Matriz de Referência para a Avaliação da Prova Brasil/Saeb – Descritor 07 – Identificar a tese de um texto.

Exemplo de item:

#### O mercúrio onipresente

(Fragmento)

5 Os venenos ambientais nunca seguem regras. Quando o mundo pensa ter descoberto tudo o que é preciso para controlá-los, eles voltam a atacar. Quando removemos o chumbo da gasolina, ele ressurgue nos encanamentos envelhecidos. Quando toxinas e resíduos são enterrados em aterros sanitários, contaminam o lençol freático. Mas ao menos acreditamos conhecer bem o mercúrio. Apesar de todo o seu poder tóxico, desde que evitássemos determinadas espécies de peixes nas quais o nível de contaminação é particularmente elevado, estaríamos bem. [...].

10 Mas o mercúrio é famoso pela capacidade de passar despercebido. Uma série de estudos recentes sugere que o metal potencialmente mortífero está em toda parte – e é mais perigoso do que a maioria das pessoas acredita.

(KLUGER, Jeffrey. *Isto É*. n. 1927, 27/06/2006, p.114-115)

A tese defendida no texto está expressa no trecho

- ➡ (A) as substâncias tóxicas, em aterros, contaminam o lençol freático.  
 (B) o chumbo da gasolina ressurgue com a ação do tempo.  
 (C) o mercúrio apresenta alto teor de periculosidade para a natureza.  
 (D) o total controle dos venenos ambientais é impossível.

Percentual de respostas às alternativas			
A	B	C	D
24%	8%	33%	35%

(BRASIL. Ministério da Educação. PDE: Plano de Desenvolvimento da Educação. **Prova Brasil**: ensino fundamental: matrizes de referência, tópicos e descritores. Brasília: MEC, SEB; Inep, 2008, p. 85-7)

- a. Considere o percentual de respostas às alternativas e faça uma análise, formulando hipóteses sobre os prováveis procedimentos de leitura utilizados pelos alunos para responder ao item.
- b. Considere a habilidade avaliada e o desempenho insuficiente dos alunos no item e proponha recomendações pedagógicas específicas para solucionar o caso.

(Utilize as linhas abaixo para rascunho)

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	



PROVA DISCURSIVA

QUESTÃO 2

9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	

RASCUNHO

NÃO ESCREVA NESTE ESPAÇO